Ecos da escola básica: estratégias de disciplinamento e controle*

5

Echoes of basic school: discipline and control strategies

Ieda Maria Giongo**
Angélica Vier Munhoz***
Fabiane Olegário****

Resumo: O presente trabalho expressa alguns resultados de uma investigação que tem por objetivo central compreender como a escola vem construindo suas relações de poder-saber e materialidades nestes novos tempos. Tendo como aportes teóricos aproximações com os estudos pós-estruturalistas, o material de pesquisa está composto por entrevistas semiestruturadas, gravadas e, posteriormente, transcritas, com seis docentes atuantes na Educação Básica, quatro lotados na rede pública e dois na particular de ensino. A análise do material de pesquisa, tomando como base os estudos foucaultianos de discurso, evidenciou a presença, simultânea, de estratégias de disciplinamento e de controle postas em ação nas práticas pedagógicas dos professores entrevistados. Nesse cenário, a Matemática ocupa lugar de destaque no currículo escolar.

Palavras-chave: Escola básica. Disciplinamento. Controle.

Abstract: The present study expresses some results of an investigation whose central objective is to understand how the school has built its relations of power-knowledge and materialities in these new times. Having approaches as theoretical contributions to the post-structuralist studies,

* Pesquisa que conta com apoio do Edital CNPq/MEC/Capes 007/2011.

** Docente no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, vinculada aos Programas de Pós-Graduação – Mestrado em Ensino e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas – Centro Universitário Univates; Doutora em Educação/Unisinos. *E-mail:* igiongo@univates.br

*** Docente no Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, vinculada aos Programas de Pós-Graduação – Mestrado em Ensino e Mestrado em Ensino de Ciências Exatas – Centro Universitário Univates; Doutora em Educação/UFRGS. *E-mail:* angelicavmunhoz@gmail.com

**** Docente no curso de Pedagogia, vinculada ao Centro de Ciências Humanas e Jurídicas-Centro Universitário Univates; Mestre em Educação /Unisc. *E-mail:* fabijj10@yahoo.com.br

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

the research material is composed of semi-structural interviews, recorded and later transcribed with six teachers in Primary Education, four of public education and two in private education. The analysis of the research material, based on Foucault's discourse studies, showed the simultaneous presence of control and discipline strategies put into action in the pedagogical practices of the interviewed teachers. In this scenery, mathematics occupies a prominent place in the school curriculum.

Keywords: Basic School. Discipline. Control.

Para iniciar a conversa

O presente artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa, cujo objetivo reside em compreender como a escola vem, atualmente, construindo suas relações de poder-saber, bem como quais subjetividades são ali produzidas, tendo em vista que as estratégias disciplinares não mais correspondem às sociedades contemporâneas. Tal questionamento é pertinente tendo em vista que, dentre todas as instituições que a modernidade fez emergir, a escola é uma das mais exemplares, no que diz respeito à produção de subjetividades e à definição de tempos e espaços.

Contudo, a sociedade contemporânea passa por profundas transformações em sua organização política e social, desencadeadas por novos conceitos e materialidades espaço-temporais. As instituições que possibilitavam sua funcionalidade e existência viam diferentes dispositivos de poder e se encontram em uma encruzilhada: de um lado, sua estrutura moderna e disciplinar; de outro, uma atualidade de simulacros, instantaneidade e desmanche das fronteiras antes nitidamente demarcadas. Nesse contexto, dentre outras instituições, a escola sempre foi a instituição que garantia a funcionalidade do modelo disciplinar; no entanto, diante das novas configurações sociais, também sofre um processo de falência de suas tradicionais formas de organização. Isso se deve ao deslocamento de uma lógica marcada pela linearidade, em que se podiam visualizar o início, o meio e o fim de maneira previsível e antecipada. Ao contrário disso, na sociedade de controle, os processos nunca param de recomeçar e nada se completa ou se conclui. Nessa ótica, "nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada". (DELEUZE, 2007, p. 221).

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 2/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

A partir de tais considerações, o presente artigo pretende discutir como a escola é compreendida neste tempo, e como vêm se constituindo outros modos de subjetividade que reconfiguram as formas de disciplinamento, produzindo outros sentidos e mecanismos que permitam conduzir a conduta alheia.

Referencial teórico: estratégias de disciplinamento e controle

No texto "Post-scriptum sobre as sociedades de controle", Deleuze (2007) nos leva a pensar que já estamos em vias de sair das sociedades disciplinares, estudadas por Michel Foucault, para ingressar na de controle. E atribui essa afirmação ao esgotamento que os meios de confinamento (penitenciárias, manicômios, fábricas, escolas) vêm sofrendo em meio a uma "crise da instituição".

> Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar o desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina. (FOUCAULT, 2003, p. 268).

Em efeito, na Modernidade, a escola tornou-se a mais eficiente instituição disciplinar, sendo sua ação muito mais decisiva para a constituição das sociedades disciplinares do que outras instituições. Como tal, ela se utilizou de técnicas de coerção e de esquadrinhamento do corpo, do tempo e do espaço, visando a uma sujeição dos indivíduos através de um processo de docilização.

No entanto, a partir do final do século XVIII, essa mesma instituição, que é o marco da sociedade disciplinar, no que tange ao disciplinamento de corpos, também se torna a instância fundamental de noções e técnicas de biopolítica. Ao invés de uma regulação estrita dos indivíduos, as provas, notas, os arquivos de ocorrência, registros de certificação tornam-se dispositivos de controle do Estado, como estratégia biopolítica. Portanto, com o surgimento da noção de população, não há mais como administrar as instituições, a partir das práticas exercidas pelo poder soberano, mas colocar em funcionamento técnicas de regularização da população compreendidas como um conjunto de normas produzidas pelo Estado. Como bem destaca Foucault,

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 3/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

> a população aparecerá como o objetivo final do governo. Pois qual pode ser o objetivo do governo? Não certamente governar, mas melhorar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde, etc. E quais são os instrumentos que o governo utilizará para alcançar esses fins, que, em certo sentido, são imanentes à população? Campanhas através das quais se age diretamente sobre a população, e, técnicas que vão agir indiretamente sobre ela. (FOUCAULT, 2012, p. 425).

A noção de biopoder surge, segundo Foucault (1999), quase um século após a sociedade disciplinar. Tal noção tem como foco não mais o corpo dos indivíduos, mas a população. Como destaca o citado autor, "portanto, desde o século XVIII (ou em todo caso desde o fim do século XVIII), duas tecnologias de poder [...] são introduzidas com certa defasagem cronológica e [...] são sobrepostas". (FOUCAULT, 1999, p. 297). Por um lado, afirma o filósofo na análise de *Vigiar e punir*, "há uma técnica que é, pois, disciplinar: é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo". (FOUCAULT, 1999, p. 297). Mais adiante descreve: "de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva..." (FOUCAULT, 1999, p. 297).

Neste sentido, podemos destacar que é necessário criar outras estratégias políticas e econômicas, a fim de possibilitar as condições fundamentais de dirigir os outros e a si mesmo. Para Foucault, as relações de poder são compreendidas como forças produtivas, de caráter eficaz, ao contrário da concepção marxista, em que o poder é entendido como repressor, isto é, "não há princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre dominadores e os dominados, dualidade que repercuta de alto a baixo". (FOUCAULT, 1998, p. 104).

A escola como maquinaria, ao mesmo tempo em que se utiliza das técnicas disciplinares e de controle, objetiva governar as condutas. Importa ressalvar que o "governamento" pressupõe o "autogovernamento". Dito de outro modo, a sociedade de controle investe cada vez mais no discurso da falta, o que gera uma sensação de necessidade. No entanto, o sujeito está finalmente convencido da importância de atender o desejo,

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 4/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

pois há "investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem e fazem que o poder exista". (FOUCAULT, 2012, p. 140).

Nessa lógica, o poder atua na contemporaneidade quando há captura das subjetividades por meio das tramas sutis do convencimento. Autogovernar implica ser responsável por gerir a sua própria vida; para que isso ocorra, ampliam-se as noções e a sensação de liberdade, pois quanto mais acreditarmos na expansão da liberdade individual, mais governado se está sendo. Neste sentido:

> Temos que produzir a verdade como temos que produzir as riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para produzir riquezas. Por outro lado, estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. (FOUCAULT, 2012, p. 279).

Assim, as sociedades de controle funcionam como um fluxo que não cessa de produzir permanentemente, em que os pontos de início e término se confundem, pois estão sempre se apresentando de modo inclusivo e inexistente. Atuam no gerenciamento dos riscos, potencializando e ampliando as tecnologias de poder, que visam fortalecer a economia do Estado através da maximização da vida. E, por sua vez, não precisam enclausurar para controlar, pois os fluxos são todos passíveis de captura. Por que trancafiar, se podemos controlar o pensamento, o corpo, a vida a partir do convencimento? Vivemos cada vez mais com "formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado". (DELEUZE, 2007, p. 220). Ademais:

> A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa, e dos sindicatos que mobilizavam massa de resistência; mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexpiável como sã emulação, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo. O princípio modulador do salário "por mérito" tenta a própria Educação nacional: com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar escola à empresa. (DELEUZE, 2007, p. 221).

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 5/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

A disciplina, que caracterizou a sociedade e a escola da Modernidade, produziu uma subjetividade disciplinada, útil e dócil. Esta é um processo de constituição dos corpos e de signos. (DELEUZE, 2007). Contudo, tanto na sociedade disciplinar quanto na de controle, há uma produção de subjetividades que é acompanhada por configurações institucionais diferentes, embora, muitas vezes, ambas se confundem, misturam-se e se completam. Há produções discursivas que buscam enunciar verdades, instituindo-se em territórios de poder, nos quais instauram regimes de interpretação do mundo. Em efeito:

> As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa. [...] O poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce e molda a individualidade de cada membro do corpo. (DELEUZE, 2007, p. 222).

Nesse sentido, não se trata de "perguntar qual é o regime mais duro, ou mais tolerável, pois de cada um deles se enfrenta liberações e sujeições". (DELEUZE, 2007, p. 220). Se, na sociedade disciplinar, há espaços e tempos demarcados e uma mecânica institucional fixa e rígida, na de controle existe uma livre proliferação de dispositivos oriundos das tecnologias de comunicação e informação que dissipa as fronteiras e os limites. A produção de subjetividade na sociedade de controle está engendrada pelos processos de subjetivação do capitalismo contemporâneo e suas estratégias de captura acionadas pela produtividade eficazmente controlada.

Assim, os mecanismos disciplinares sobre o corpo e regularizadores sobre a população não se excluem mutuamente, mas se articulam entre si, sendo que a cada tipo de sociedade, regime de poder e enunciação corresponde um campo de forças que produz diferentes subjetividades, pois "onde há poder há resistências [...] que estão presentes em toda a rede de poder". (FOUCAULT, 1998, p. 106). O que possibilita compartilhar com a ideia de que "não se sabe do que o homem é capaz enquanto ser vivo como um conjunto de forças que resistem" (DELEUZE, 2005, p. 100), mesmo em uma sociedade disciplinar que controla os desejos, transpondo-os como faltas, há sempre o escape, o desvio e o fracasso da captura.

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 6/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

Em efeito, a instituição escolar sempre teve um papel fundamental na produção de subjetividades, ora por ser um lugar que se configurou por relações de poder e saber, ora por ser atravessada por configurações sociais. Sabemos que as subjetividades hoje se produzem de forma diferente das do início do século XX; no entanto, parece que ainda encontramos rastros disciplinares nas escolas que se misturam e se mesclam às novas técnicas de controle.

Assim, a escola é uma instituição moderna em tempos contemporâneos. Não seria esse um dos motivos de sua crise? Como bem aponta Marisa Costa, por ocasião de um diálogo com Jorge do Ó (2007), a escola como a conhecemos foi pensada "em um mundo que era o mundo da ordem, das coisas certas, nos lugares certos, nas horas certas". (COSTA; DO Ó, 2007, p. 110). Entretanto, argumenta a autora, essas ideias estão em frangalhos, "em cacos" (p. 110). Em efeito, com as atuais configurações da sociedade e, consequentemente, das instituições, uma nova produção de subjetividade e de relação com a vida também acontece.

> Mudaram as técnicas de poder, mudou o sentido da vida que nossa cultura nos propõe, mudou o sujeito. Por estarmos no seu início, por ainda assistirmos à instalação de uma nova forma social, é difícil precisar seus contornos. (VAZ, 1999, p. 11).

A partir dessa perspectiva, a questão não é encontrar culpados para a crise da escola, mas compreender que uma mudança nas formas de organização da sociedade talvez possa deflagrar uma nova produção de subjetividades e outros modos de relações de aprender e ensinar na instituição. Até porque "a escola se tornou insuportável a uma geração extremamente gregária e individualista, que procura emoções baratas e instantâneas, abomina a reflexão e exige gratificação imediata". (RUDIGER, 2009, p. 160).

As novas configurações da sociedade colocam em xeque a política do modelo conformada nos processos de homogeneização de caráter unificador e universalizante. Neste sentido, não se sustenta um modelo de ensino cuja estrutura ainda está baseada paradoxalmente na disciplinarização dos corpos. Em consonância com as posições teóricas acima descritas, na próxima seção, evidenciamos alguns resultados da investigação.

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 7/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

Das questões metodológicas

Com a intenção de encontrar subsídios que permitissem responder à questão desta escrita, tomamos como base entrevistas semiestruturadas com seis docentes atuantes na Educação Básica – quatro lotados na rede pública e dois na particular de ensino – de uma região situada ao Sul do Brasil. A escolha das escolas se deu em função da proximidade das pesquisadoras com a direção e docentes, tendo em vista que muitos destes foram ou são alunos da Instituição de Ensino Superior à qual a investigação estava atrelada. Os referidos professores, escolhidos pelo critério "tempo de serviço", atuavam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a eles foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as normas de ética em pesquisa. À escolha dos entrevistados, adotamos o seguinte critério: o que há mais tempo exercesse a docência na referida instituição.

Por ser semiestruturada, a entrevista envolveu três blocos de questões. No primeiro, privilegiaram-se dados pertinentes à formação profissional dos entrevistados, seguido de outro que tinha o propósito de investigar, na ótica desses docentes, o lugar ocupado pela escola na contemporaneidade. Por fim, o terceiro foi composto por perguntas que tinham por objetivo compreender como os docentes avaliavam questões vinculadas à disciplina escolar e às regras presentes na sala de aula.

O material de pesquisa foi escrutinado segundo a análise discursiva foucaultiana. Nesta perspectiva, o discurso "não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, [...] vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas". (FOUCAULT, 1995, p. 56). O discurso, por sua vez, é constituído "por um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva" (1995, p. 135), o que significa não mais tratá-los

> [...] como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1995, p. 56).

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 8/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

Ademais, cabe aqui salientar que Foucault (1995, p.109) expressa que não concebe o sujeito do enunciado como "causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase". Em um enunciado discursivo, Foucault (1995, p. 239) compreende que o sujeito é "necessariamente situado e dependente, sem que nunca possa aí fazer figura de titular (seja como atividade transcendental, seja como atividade empírica)". Nesse referencial teórico, a análise dos enunciados "só pode se referir a coisas ditas, a frases que foram realmente pronunciadas ou escritas". (FOUCAULT, 1995, p. 126). Não se trata, portanto, de perguntar o que estaria supostamente oculto nas enunciações, mas sim analisar "de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de deixar rastros [...] o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar". (p. 126). O filósofo nos ensina a suspeitar daquilo que é dito e compreendido como verdadeiro, formado por um conjunto de enunciados que se referem a campos distintos do saber. Ele nos alerta que "é preciso também nos inquietarmos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares" (p. 24). Destarte, neste referencial teórico,

> [...] não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso; deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio de outros e relacionados a eles um lugar que o outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 1995, p. 31).

Cabe também aqui explicitar que, neste referencial teórico, a noção de enunciado é central. Feito de signos e palavras, descrevê-lo é situá-lo em algum lugar, em algum acontecimento. Ele não é o que é dito, mas a condição que permite, por um lado, dizer, falar, pensar e, por outro, ver, agir, disciplinar os corpos. São dois campos de formas: o que se passa na linguagem e o que se passa no corpo. Neste sentido, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais engendradas pelas relações de poder. O enunciado tem a potência da repetição, instala um modelo, uma lei, produz modos de subjetivação e de objetivação, codifica. (GIONGO; MUNHOZ; REHFELDT, 2012).

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 9/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

Ressalvamos que o enunciado "não são as palavras, frases ou proposições, mas formações que apenas se destacam de seus corpos quando sujeitos da frase, os objetos da proposição, os significados das palavras mudam a natureza, tomando lugar no diz-se, distribuindo-se, dispersando-se na espessura da linguagem". (DELEUZE, 2005, p. 29).

Munidos dessas premissas, na próxima seção, evidenciamos alguns resultados da investigação.

Alguns resultados: verdade e formas discursivas, o que se pode dizer?

A análise do material de pesquisa, tomando como base os estudos foucaultianos de discurso, evidenciou a presença, simultânea, de estratégias de disciplinamento e de controle postos em ação nas práticas pedagógicas dos docentes entrevistados. Nesse cenário, a Matemática ocupa lugar de destaque no currículo escolar. Destacamos que as enunciações referentes à referida disciplina apareceram em destaque nas entrevistas, embora esse não fosse o foco inicial da investigação.

Em efeito, percebe-se, por meio da análise do material de pesquisa, que as formas discursivas que circulam no seu interior estão sempre associadas às possibilidades de êxito do projeto moderno da escola. A ideia de uma escola de resultados está sempre além de uma escola como espaço de aprendizagem e de afetos.

Essas enunciações foram e vão produzindo na escola novas relações de poder e suas materialidades. Assim, se observarmos os discursos pedagógicos das entrevistadas, há indícios da sociedade de controle agindo em novas configurações da sociedade contemporânea. Trata-se de uma revolução volátil e sem precedentes, que se estende por todos os campos da sociedade. Tal revolução exige percepções e ferramentas diferenciadas de análise daquelas de que antes nos valíamos na sociedade disciplinar. Ao serem questionadas sobre as estratégias que a escola utiliza hoje para resolver questões disciplinares, as entrevistadas responderam:[1]

> *Não usam [referindo-se aos professores da escola] mais os mesmos mecanismos, como punição. Antigamente se batia no aluno, se colocava de castigo, ajoelhava*

[1] Por questões vinculadas à ética em pesquisa, optamos por denominar as entrevistadas por números de 1 a 6. As enunciações dos docentes serão grafadas em itálico.

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 10/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

em milho. Hoje esse tipo de punição não existe mais. A gente faz uma conversa com o aluno para tentar melhorar as atitudes dele. (Professora 2).

Como mecanismos disciplinares, procuro sempre conversar, chamar a atenção e resolver os problemas internamente. (Professora 6).

Mecanismos com sanções não existe, não têm. (Professora 5).

Ao analisarmos as enunciações das entrevistadas, fomos remetidos às ideias de Foucault (1990). Para ele, na sociedade de controle, interessa punir de forma estratégica; para tanto, muda-se o foco da punição. "Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como intensificar seu rendimento, como multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde será mais útil"? (FOUCAULT, 1990, p. 29).

Esse caráter inconclusivo, incompleto, ininterrupto e contínuo, em que todos vigiam a todos e também a si mesmos, caracteriza a sociedade de controle, a qual gera um tempo de incertezas, colocando em crise as instituições, entre elas, a escola. O discurso pedagógico se torna uma estratégia de controle, pois se ensina não somente conteúdos, mas também uma ordem moral que extrapola o espaço da escola, ou seja, efetua-se nos diferentes espaços sociais por onde os sujeitos circulam. O excerto a seguir aponta para essa ideia:

Tenho um negócio que eu chamo carinhosamente de cadeirinha de pensar, ponho do lado da minha mesa. Isso surte um efeito maravilhoso. Aquele que foi bem dou parabéns, e o que não foi mostro no que precisa melhorar. Depois tu não precisa falar com todo mundo, tu tens que falar com aqueles casos mais graves. A impressão que eu tenho é que eles gostam porque é um olhar sobre eles (Professora 4).

Na ótica expressa pela docente, a palavra "castigo" parece ser imprópria para este tempo. Ressaltamos que, na perspectiva teórica adotada na análise das enunciações, os discursos não ocorrem fora de uma ordem mais ampla, mas num campo de possibilidades que permite que os ditos possam funcionar como verdadeiros. A esse respeito, Foucault (1979, p. 12) expressa que "a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 11/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

de poder". Poderíamos então inferir a existência de várias técnicas para os mesmos princípios: respeitam os mesmos enunciados, ou seja, diz-se a mesma coisa. A correção do comportamento é transversal a todas as áreas do saber.

Ademais, a atenção ao controle, o conhecimento acerca das ações e das atividades que os alunos exercem parece, muitas vezes, terem mais importância na escola do que o cuidado com o processo de aprendizagem dos alunos. Também podemos perceber uma relação direta do bom comportamento e a ideia de recompensa, que, sendo indesejado, ele pressupõe determinada ação diferentemente daquela considerada o seu inverso, com um único objetivo: melhorar. Tais considerações são apontadas pelas professoras entrevistadas.

> *Os que atrapalham os colegas retenho uns minutos a mais no final da aula ou no recreio. (Professora 2).*

> *Eles fazem trabalhos individuais, tem dado bons resultados. Após esse trabalho individual, eles procuram estudar porque têm outro trabalho individual, que é melhorar cada vez mais. E eles têm demonstrado muito empenho nisso. E vendo que esse trabalho individual tem esse objetivo: melhorar. (Professora 3).*

> *Eu preciso de uma disciplina de trabalho, pra Matemática não serve esse negócio de discute, discute, discute. Existe o momento de discussão, mas no outro momento todo mundo tem que baixar a cabeça e trabalhar. E eu tô aqui pra ajudar, só que todo mundo tem que fazer. (Professora 4).*

A análise dois excertos acima nos suscitou duas ideias. A primeira, diz respeito àquelas expressas por Foucault quando se refere ao surgimento, na época clássica, de técnicas de vigilância "múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo". (FOUCAULT, 2002, p. 144). Tais técnicas podem ser expressas pela vigilância, sanção normalizadora e exame. Especificamente no que se refere ao exame, o filósofo alude que este "estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual são diferenciados e sancionados". (p. 154). O autor também discute como a instituição escolar se tornou "uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 12/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

cumprimento a operação de ensino" (p. 155), permitindo, sobretudo, medir e sancionar. Nessa ótica, o exame permite ao professor, simultaneamente, transmitir seu saber e "levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos". (p. 155).

Ainda com relação ao exame, Foucault evidencia que os procedimentos a ele vinculados são sempre acompanhados de registros e extensa documentação. "Um poder de escrita é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina." (p. 157). Nessa ótica, cada indivíduo passa a ser um "caso", o que permite que ele seja, por um lado, "descrito, mensurado, medido, comparado a outro e isso em sua própria individualidade" (p. 159) e, por outro, "treinado [...] classificado, normalizado, excluído". (p. 159).

A segunda ideia que desejamos aqui evidenciar mostra a primazia dada pelas entrevistadas à disciplina Matemática no currículo escolar. Tal ideia emergiu de modo recorrente também nos excertos a seguir.

> *Acho que é um lugar bem matriante. E, querendo ou não, as ciências exatas, não é que é prioritária, é preciso ter um entendimento muito bom pra tu conseguir seguir adiante. Coisas que, conforme como tu quer seguir, são necessárias. Se não é bem-entendido, se não é bem trabalhado, depois não vai né [...], tu quer ser engenheiro, envolve muitos cálculos, então tem que ter uma boa base. E começa na escola, desde a Educação Infantil. (Professora 1).*

> *De uma disciplina, mas poderia ter mais destaque, dada sua importância. Vemos na TV coisas de robótica, coisas que a gente pensa... Mais atrativas, muito mais... Coisas que começam com conceitos que eles veem, mas não dão importância, pois não veem utilidade naquilo. Se visem mais o real, o concreto, teriam mais interesse. (Professora 3).*

> *Digo que, lá no início, eles aprenderam tabuada não só pra saber quanto é 5x5. Daí, coloco que, nas equações do ano que vem, a gente vai calcular o lucro máximo de uma empresa, as despesas mínimas de uma empresa, só que pra isso eu tenho que fazer uma preparação. Só que hoje você não está vendo esse resultado, só vai ver mais adiante. Aí tem uma perspectiva de utilização. Também não quero dizer que vão ter utilidade pra tudo; às vezes, digo pessoal, isso vocês não vão utilizar pra nada, só pra desenvolver o raciocínio. (Professora 4).*

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 13/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

É possível pensarmos que a primazia dada à disciplina Matemática está em consonância com as estratégias de disciplinamento e controle até aqui problematizadas. Por um lado, ao expressar, por exemplo, que "eu preciso de uma disciplina de trabalho, pra Matemática não serve esse negócio de discute, discute, discute. Existe o momento de discussão, mas, no outro momento, todo mundo tem que baixar a cabeça e trabalhar", a professora faz menção às estratégias de disciplinamento – sobre os corpos e sobre os saberes. (GIONGO; QUARTIERI, 2012). Por outro, quando mencionam ideias relativas à utilização da matemática em outras áreas do conhecimento, fomos remetidos aos exames nacionais – SAEB, Prova Brasil, ENEM – e aos consequentes índices de qualidade da escola básica. Em efeito, a extensa documentação decorrente de tais práticas expressa por relatórios, recomendações, propostas de formação continuada para docentes e distribuição de recursos, constitui-se em estratégias de controle sobre as escolas, seus estudantes e professores.

O que foi aqui expresso se constitui em uma das muitas leituras que poderiam ser efetivadas, a partir da análise do material de pesquisa. Escolhemos fazer tal análise a partir das lentes teóricas provenientes dos estudos de Michel Foucault. Estas também foram decisivas para a emergência das considerações finais a seguir expressas.

(In) conclusões

Para concluir nossas argumentações, pensamos ser produtivo nos apoiarmos nas ideias de do Ó (2007). Ao discutir com Marisa Costa sobre as novas configurações da escola, Jorge do Ó argumenta que a escola mudou "menos rapidamente do que mudou a população que a foi constituindo". (COSTA; DO Ó, 2007, p. 110). Para ele, o modelo escolar remonta ao século XIX e foi baseado, sobretudo, "na construção de grupos homogêneos de alunos que progridem por classes e onde existe sempre uma correlação entre a idade do aluno e o saber que lhe é fornecido". (p. 110). Ademais, ainda para esse autor, os conteúdos são ministrados por meio de disciplinas que apregoam uma "visão articulada e racional da realidade" (p. 110), que estaria, nessa ótica, dentro dela, um modelo de mundo completo. E conclui:

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 14/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

> Esse modelo, eu julgo, a sociedade foi abandonando, sobretudo nas últimas décadas. Nós temos hoje mais consciência sobre a importância das contradições nos diversos domínios da vida política, social e econômica, a noção identidade está bem mais marcada por ambivalências e por ambigüidades múltiplas que todos enfrentamos. Ora, parece-me que a escola tem refletido pouco sobre essa mudança, ela continua a funcionar a partir de ideias claras e distintas sobre o que é certo e errado. (COSTA; DO Ó, 2007, p. 110).

Nesse cenário, cabe questionar o lugar do professor. Formado para se posicionar como agente disciplinador, enquadrar o aluno numa aula que ele domine e tenha o controle da classe – em última instância, para transformar o ser singular e ilimitado, a fim de torná-lo no mesmo -, parece não identificar o seu lugar, o qual passa a estranhar agora o seu espaço. Qual o lugar do professor, já que a função de disciplinar, ensinar e formar cidadãos conscientes, através de um único modelo não se sustenta, visto que os apelos da mídia, a velocidade da informação, as tecnologias virtuais tatuam novos contornos aos modos de se relacionar consigo e com o outro, emergindo outras formas de habitar o mundo?

Tais apontamentos podem ser produtivos para que sigamos problematizando o papel da escola na contemporaneidade. Assim, encerramos este texto tendo presente as ideias de Kohan (2004). O autor, apoiado nas teorizações de Foucault, expressa que não há vida, que não há filosofia se não há uma forma de "ensaio", ou seja, um exercício de pensamento que nos permita transformar o que somos, que nos possibilite estrangeirizarmo-nos do jogo da verdade no qual estávamos comodamente instalados, que nos permita "desfazermo-nos não apenas desta ou aquela verdade, mas de uma certa relação com a verdade, esse trabalho do pensamento que busca pensar-se a si mesmo para tornar-se sempre outro do que se é". (KOHAN, 2004, p. 129).

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 15/16

02/04/26, 10:16 PDF.js viewer

Referências

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.

DO Ó, Jorge Ramos; COSTA, Marisa Vorraber. Desafios à escola contemporânea: um diálogo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 32, n. 2, p. 109-116. jul./dez. 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Las redes del poder. In: FERRER, Christian (Comp.). *El lenguage libertário*. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1990, p. 25-29. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:* vontade de saber. Trad. de Maria Tereza da Costa Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: M. Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, M. A sociedade disciplinar em crise. In: *Ditos e escritos IV*: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 267-269.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

GIONGO, Ieda Maria; QUARTIERI, Marli Teresinha. Uma análise de cadernos de uma escola rural do Rio Grande do Sul na década de 1940: implicações curriculares para a educação matemática. In: MUNHOZ et al. (Org.). *Diálogos na pedagogia. Coletâneas, v. 2 – Saberes e práticas*. Lajeado: Editora da Univates, p.11-28, 2012.

GIONGO Ieda Maria; MUNHOZ, Angélica Vier; REHFELDT, Márcia Jussara Hepp. Acerca dos discursos pedagógicos sobre ensinar e aprender Ciências Exatas na Escola Básica. *Acta Scientiae*, Canoas, v. 14, n.1, p. 51-62, jan./abr. 2012.

KOHAN, Walter O. Sócrates e Foucault professores: entre o ensino do já sabido e a busca por ensinar diferentemente. In: GALLO, Silvio; SOUZA, Regina M. de. *Educação do preconceito*. São Paulo: Alínea, 2004. p. 119-130.

VAZ, Paulo. Corpo e risco. *Fórum Media*, Viseu, v. 1, n. 1, p. 101-111, 1999. Disponível em: <http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/paulovaz/textos/corpoerisc.pdf>. Acesso em: jun. 2013.

Submetido em 1º de dezembro de 2013.
Aprovado em 12 de março de 2014.

https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2378/pdf_244 16/16